

ANÁLISE DA OBRA DE FICÇÃO CIENTÍFICA JUVENIL *O CIDADÃO INCOMUM*, DE PEDRO IVO

ANALYSIS OF THE YOUTH SCIENCE FICTION WORK *THE UNCOMMON CITIZEN*, BY PEDRO IVO

Recebido: 27/07/2023 Aprovado: 23/10/2023 Publicado: 26/03/2024

DOI: 10.18817/rj.v8i1.3399

Maria Ester Pereira Soares¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0953-7758>

Kamila Pedrosa Soares²

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-5510-2656>

Daniela Maria Segabinazi³

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo analisar a obra *O cidadão incomum*, escrita e ilustrada por Pedro Ivo, cuja primeira edição foi publicada em 2013, buscando discutir como esse romance traz em sua narrativa elementos da ficção científica destinados ao público juvenil, investigando sua construção no que diz respeito a esse gênero. Foram observadas as inovações presentes na obra, partindo da análise de seu projeto gráfico e relacionando-o com a temática, visto que o romance aborda a questão da violência social, tema este muito discutido na sociedade contemporânea. Além disso, o presente estudo atentou-se para as possíveis hibridizações com outros gêneros literários, como o das Histórias em Quadrinhos. Discutiremos o que contribui para essa obra ser caracterizada como literatura juvenil, investigando as categorias enredo, personagem e espaço. Como repertório teórico, utilizaremos Cunha (2022), Roberts (2018), Ceccantini (2010) e Luft (2010).

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é bolsista do PIBIC A Literatura Juvenil Brasileira no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/Literário 2020): Mutações, inovações e tendências, coordenado pela Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi, analisando as rupturas estruturais e recursos visuais no gênero poético, no livro de imagem e em histórias em quadrinhos (HQs). Atuou como voluntária do PROBEX Cultura Literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir, realizando Círculos de leitura literária com estudantes da rede pública de João Pessoa. Desenvolve pesquisas nas áreas de Poesia Juvenil, Ensino de Literatura e Literatura Juvenil. E-mail: mester1417@gmail.com

² Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba, atualmente desenvolve pesquisa na área de Literatura Juvenil Brasileira no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/LITERÁRIO) analisando as obras, os seus Núcleos temáticos e o cenário de representação juvenil contemporânea no PNLD LITERÁRIO 2020. Sua pesquisa anterior envolvia análises de obras do PNLD LITERÁRIO 2020 a partir de suas inovações na estrutura narrativa. Atua também como voluntária no projeto de extensão PROBEX Cultura Literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir, onde desenvolve oficinas de práticas de leitura, rodas de conversa e círculos de leitura com alunos da rede pública de João Pessoa, mediação em formações com professoras do ensino fundamental de escolas públicas no estado da Paraíba. Seus estudos e pesquisas se concentram na área de Literatura Juvenil, Literatura no Espaço Escolar, Inovações na Literatura Juvenil Brasileira Contemporânea, Estratégias de Leitura, Círculos de Leitura e Práticas Pedagógicas com Ênfase em Literatura Infantil e Juvenil, Ensino de Literatura, Formação de Professores, Leitura e Letramento Literário. E-mail: kamila.pedrosa@academico.ufpb.br

³ Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa (Licenciatura Plena) pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1994), graduação em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1995); mestrado em Letras - Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2011), vinculado a área de Literatura, Teoria e Crítica, linha Leituras Literárias. Atualmente integra o quadro de professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com dedicação exclusiva e é líder do grupo de pesquisa "Estágio, ensino e formação docente" (<http://www.ufpb.br/geef>). Tem experiência na área de Letras e Pedagogia, com ênfase em Literatura infantil juvenil, literatura brasileira, ensino de literatura, estágio supervisionado e formação de professores; atuando principalmente nos seguintes temas: práticas pedagógicas, literatura e ensino, literatura infantil e juvenil, leitura e letramento literário. E-mail: dani.segabinazi@gmail.com

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Ficção Científica; Hibridismos; Intertextualidade; Violência.

Abstract: The objective of this work is to analyze the work *The Citizen uncommon*, written and illustrated by Pedro Ivo, published in its first edition in 2013, seeking to discuss how this novel brings in its narrative elements of science fiction aimed at a young audience, investigating its construction with regard to this genre. Observing the innovations present in the work, starting from the analysis of its graphic design and relating it to the theme, since the novel addresses the issue of social violence, a topic that is much discussed in contemporary society. As well as paying attention to possible hybridizations with other literary genres, such as Comics. We will discuss what contributes to this work being characterized as youth literature, investigating the plot, the character and the space. As a theoretical repertoire, we will use Cunha (2022), Roberts (2018), Ceccantini (2010) and Luft (2010).

Keywords: Youth Literature; Science Fiction; Hybridisms; Intertextuality; Violence.

Introdução

A partir da década de 1970, os estudos sobre a literatura infantil foram consolidados, porém outra demanda surgiu: preencher o espaço das obras que ocupariam a categoria destinada ao público juvenil, criando o impasse da literatura voltada ou para as crianças ou para os adultos, sem haver algo que ocupasse esse espaço de transição. Segundo Martha (2011), alguns autores, editoras e instituições literárias, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e o Prêmio Jabuti, dedicaram-se a realizar a distinção entre obras infantis e juvenis, que anteriormente eram genericamente classificadas como literatura “infantojuvenil”.

É por meio desse movimento que a literatura juvenil vai se consolidando no final dessa mesma década, conforme explicita Ceccantini (2010), contando com muitos autores e obras publicadas para o público leitor jovem. De acordo com o autor, percebendo o fenômeno dessa literatura, o mercado editorial passou a encomendar textos destinados a esse público, ação impulsionada principalmente pelas grandes compras governamentais, solidificando a literatura juvenil no espaço escolar.

Dentre os incentivos do Governo à literatura, podemos citar o extinto Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que foi desenvolvido no ano de 1997, a fim de promover o acesso aos livros literários e o estímulo à leitura através da distribuição de obras para os estudantes da educação básica até 2015. Também merece destaque o atual Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD Literário), que representou a junção do PNBE ao Programa Nacional do Livro (PNLD), atuando, desde 2017, na distribuição de obras didáticas e literárias para os alunos da educação básica.

De acordo com Martha (2011), nos anos 1990, surgem muitos autores com produções de qualidade para os jovens. Com características que já podem ser

consideradas próprias dessa literatura juvenil, bem como com temáticas variadas que estão inseridas no contexto sociocultural desses leitores. É na contemporaneidade que essas obras ganham mais substância, com técnicas mais complexas e temas que anteriormente eram proibidos, como morte, crises de identidade e afetividades, criando o que a autora nomeia de “linhas de produção”, sendo elas: “amorosa, fantasia, psicológica (introspectiva), suspense e/ou terror, policial, realismo cotidiano ou denúncia, folclore, histórica, entre outras” (Martha, 2011, p. 2).

Para as autoras Iguma e Gama-Khalil (2020, p. 154), a literatura juvenil é aquela “em que sua escrita é pautada por uma linguagem polissêmica, pela tematização da condição humana, e pela consequente formação de diferentes sensibilidades”. Elas indicam que o adjetivo “juvenil” não limita o ser “literatura”, apenas o classifica devido a uma demanda do mercado editorial, reconhecendo a importância da literatura juvenil para a formação de leitores críticos.

É por meio da literatura juvenil que os adolescentes têm contato com leituras que reconhecem a sua existência e abordam temáticas que os interessam. Segundo a pesquisadora Gabriela Luft, em sua dissertação intitulada *Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI* (2010), os gêneros que mais se destacam nas narrativas juvenis são, utilizando as nomeações da autora: interpessoal, amadurecimento, viver em sociedade e aventuras - gêneros como forças sobrenaturais e ficção científica não adentram no seu *corpus* de análise.

É interessante observar como obras ligadas ao fantástico não estão inseridas no *corpus* de análise de muitos pesquisadores, como os já mencionados Luft e Ceccantini. Dutra (2009) aponta para uma marginalização dessa literatura, principalmente a de ficção científica, na produção brasileira. Embora o autor compreenda que esse gênero está presente desde o século XIX no Brasil, ele destaca que a ficção científica fica à margem do cânone por estar relacionada à cultura de massa e à indústria do entretenimento.

Todavia, a Ficção Científica (FC) é um gênero literário que possui um sucesso notório entre os jovens, vide as diversas adaptações, principalmente para o cinema, como *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer (2005), *Divergente*, de Veronica Roth (2011), bem como com as diversas histórias em quadrinhos sobre super-heróis, em que se destacam as produções da *Marvel Comics* e da *DC Comics* (Roberts, 2018). Para Piassi (2007 *apud* Reis, 2022):

[...] a Ficção Científica possibilita olhar para o diferente, explorar até então o inimaginável, produzir pensamentos críticos e produzir e se relacionar com culturas. Sua narrativa, enquanto potência para a formação humanizadora, consolida-se pela dimensão conceitual-fenomenológica, abrangendo vínculo com conhecimentos científicos; a dimensão histórico-metodológica articulada às relações culturais e sociais e éticas nos desdobramentos do contexto narrativo da história; e a dimensão sócio-política na articulação entre Ciência, Tecnologia e Sociedade (Piassi, 2007 *apud* Reis, 2022, p. 89).

De acordo com Ssó (1987), esse olhar para o que até então era inimaginável acontece a partir da Revolução Industrial, quando os escritores começam a pensar mais no futuro. É com a escritora Mary Shelley que se tem a primeira produção de um romance de ficção científica, o clássico *Frankenstein* (1818), com uma figura monstruosa que adquire vida por meio de uma descarga elétrica. Edgar Allan Poe também é reconhecido como autor de ficção científica, com o conto “A aventura incomparável de Hans Pfaall” (1835), em que leva um homem até a Lua através de um balão.

Outro grande nome nessa área é o escritor Júlio Verne, com suas obras sobre viagens extraordinárias a lugares inexplorados, como em *Viagem ao centro da Terra* (1864). Não podendo deixar de citar também o escritor e bioquímico Isaac Asimov, autor de *Eu, Robô* (1950).

É perceptível que a ficção científica compreende uma gama de vertentes, dentre as quais Ssó (1987) destaca a ficção científica de feitiçaria e espada, com histórias sobre dragões, bruxas e espadachins, inspirada na Idade Média; a *space opera*, popular na década de 1920 nos Estados Unidos, com enredos voltados para engenheiros que, através de invenções inovadoras, conseguiam dominar a galáxia; e a *new wave*, com pessoas ainda ressentidas pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, em que os escritores buscaram extrapolar os limites da ciência e refletir sobre o domínio de tanta sabedoria.

Ainda de acordo com Ssó (1987), é a partir da década de 1950 que o gênero ficção científica entra em decadência, por causa do esgotamento de histórias para contar. Entretanto, alguns autores conseguem superar as dificuldades e produzem grandes sucessos, como é o caso do Philip K. Dick, com a obra *Blade Runner* (1969), que ganhou adaptações cinematográficas, assim como *Duna* (1965), de Frank Herbert. Logo, nota-se que esse gênero está longe de ser esquecido.

Segundo Piassi (2007 *apud* Fiker, 1985), existem alguns arquétipos em que se

concentram as narrativas de ficção científica e que podemos perceber também nas produções artísticas contemporâneas, são eles:

1. Viagens em naves interplanetárias e interestelares.
2. Exploração e colonização de outros mundos.
3. Guerras e armamentos fantásticos.
4. Impérios galácticos.
5. Antecipação, futuros e passados alternativos.
6. Utopias e distopias.
7. Cataclismas e apocalipses
8. Mundos perdidos e mundos paralelos.
9. Viagens no tempo
10. Tecnologias e artefatos.
11. Cidades e culturas.
12. Robôs e andróides
13. Computadores.
14. Mutantes
15. Poderes extra-sensoriais (Piassi, 2007 *apud* Fiker, 1985, p. 46-70).

Como dissemos, alguns desses arquétipos estão presentes em diferentes manifestações artísticas e literárias que abordam dentro da narrativa um ou mais elementos dos quinze recém-listados. Citando alguns exemplos, temos: a saga cinematográfica *Star Wars*, criada por George Lucas, que aborda as viagens em naves interplanetárias, a exploração de mundos por um império que domina a galáxia, a guerra, os andróides e os poderes extra-sensoriais; a obra *Jogos vorazes* (2008), escrita por Suzanne Collins (que ganhou adaptação cinematográfica), que é um bom exemplo de distopia; o filme *Interestelar* (2014), dirigido por Christopher Nolan, que trabalha com uma antecipação do futuro da Terra; o mangá *Neon Genesis Evangelion* (2012), escrito por Yoshiyuki Sadamoto, com a narrativa de um mundo pós-apocalíptico; a série *Doctor Who* (1963), criada por Sydney Newman, C. E. Webber e Donald Wilson, que trabalha com viagens no tempo através de uma tecnologia avançada; e, por fim, temos as Histórias em Quadrinhos dos *X-Men* (1963), de Stan Lee e Jack Kirby, que contempla a vida de um grupo de mutantes, destacando a tecnologia avançada deles.

Roberts (2018) observa que essa literatura, antes direcionada ao público adulto, contou com uma grande aceitação dos jovens adultos, e agora está cada vez mais perto dos jovens e das crianças por causa das inovações tecnológicas do século XXI, que a tornaram mais conhecida.

Dessa forma, este artigo pretende analisar como a FC está chegando para os jovens leitores e como, através dela, é possível abordar temáticas sensíveis como a

violência. Para isso, escolhemos a obra literária *O cidadão incomum*, que foi escrita e ilustrada por Pedro Ivo, sendo publicada pela primeira vez no ano de 2013, pela editora Conrad. Para a análise, utilizaremos a segunda edição, de 2018, da mesma editora, que foi selecionada e distribuída pelo PNLD Literário 2020.

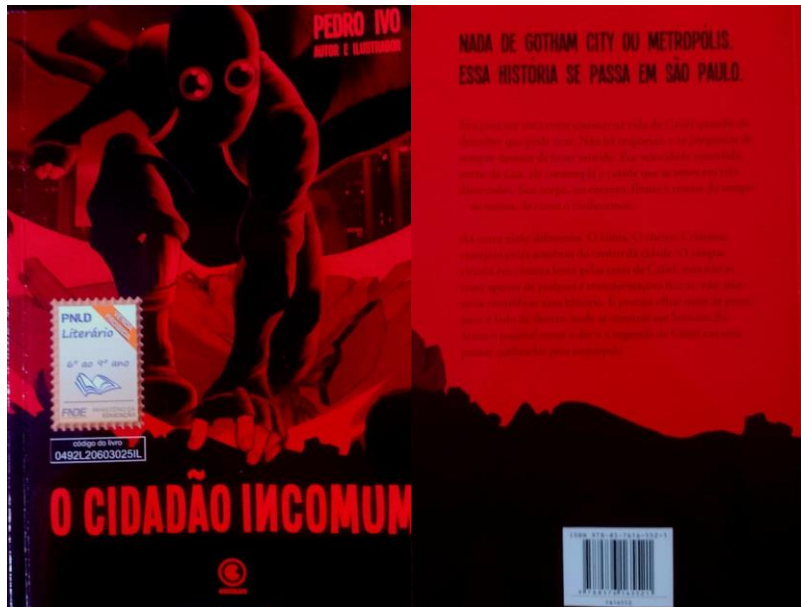
Buscamos discutir os elementos da ficção científica presentes nesse romance destinado ao público juvenil, investigando a construção desse gênero, observando as suas inovações e as suas possíveis hibridizações com outros gêneros literários a partir de seu projeto gráfico e de sua temática, destacando elementos do enredo, da personagem e do espaço. Destacamos também a abordagem de temas como a violência social como fator importante na construção da narrativa, responsável por influenciar todo o seu projeto gráfico.

2 A ficção e outros elementos narrativos (*in*)comuns

A obra *O cidadão incomum* (2013) é uma narrativa que possui como personagem principal Caliel, um jovem adulto que mora com sua mãe, em São Paulo, e que trabalha como ator. Certo dia, ele acorda e descobre que possui superpoderes e, a partir desse momento, tem que enfrentar não só essa descoberta como também precisa vencer os desafios do início de sua vida adulta. Para isso, ele conta com a ajuda de seu amigo Eder, que conheceu ao fazer o supletivo. Juntos, eles decidem se mudar para um apartamento mais reservado, para não pôr em risco suas famílias, e passam a testar os superpoderes de Caliel.

Esse romance inova ao trazer o tema dos super-heróis para o território nacional e por dialogar com o cenário brasileiro contemporâneo, abordando assuntos como a violência, o desemprego entre os jovens, o preço dos transportes públicos, a homofobia, entre outros. Caliel é um cidadão incomum que fica indeciso sobre o que fazer diante desse cenário; uma de suas ações é buscar enfrentar o crime. Para isso, ele encobre seu rosto e usa uma roupa toda preta a fim de não ser identificado, seguindo o exemplo de outros super-heróis famosos, como o Homem-Aranha. Sua imagem é apresentada na capa do livro (Fig. 1), uma referência à passagem em que ele cai e faz um buraco na rua. Na imagem, prevalecem as cores preta e vermelha devido à luz infravermelha dos seus óculos, que ele utiliza para melhorar sua visão noturna.

Fig. 1 - Capa e contracapa do livro *O cidadão incomum* (2013).



Fonte: Ivo (2018).

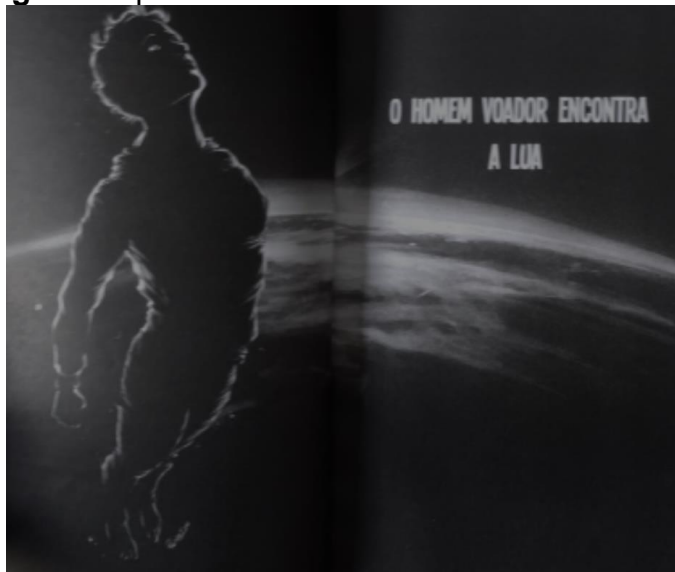
Ainda na capa, observamos como o título é construído todo em letra de forma, preenchido pela cor vermelha e com um jogo na escrita da palavra “incomum”, em que a letra *N* está invertida horizontalmente. É possível ver junto à figura de Caliel disfarçado os prédios da cidade ao fundo, o concreto quebrado devido à sua força e o piso com ondulações que continua na contracapa da obra. A partir do título “O cidadão incomum”, já é possível inferir que o romance abordará algum aspecto da sociedade, dado que a palavra “cidadão” se refere ao “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado ou no desempenho de seus direitos para com este” (Ferreira, 2001, p. 153).

Também na contracapa encontramos a sinopse da obra, com ênfase para “Nada de Gotham City ou Metrópolis. Essa história se passa em São Paulo”, o que enfatiza a produção nacional de uma obra sobre heróis em contraposição às obras estrangeiras, como as Histórias em Quadrinhos (HQs) de Batman e outros heróis que atuam na cidade fictícia Gotham City, e do Super-Homem, de Metrópolis.

É interessante notar a aproximação do romance com as HQs, com fortes semelhanças a esse gênero através do projeto gráfico. No miolo do livro, as ilustrações aparecem iniciando os capítulos, que não são numerados, e ocupam duas páginas inteiras, com um espaço apenas para o título do capítulo. Nessas imagens prevalece a cor preta, enquanto a cor branca é utilizada para o contorno, destacando os pontos mais marcantes da narrativa, como podemos observar na Fig. 2, em que é

ilustrada uma passagem sobre Caliel voar até a Lua.

Fig. 2 - Capítulo: O homem voador encontra a Lua.



Fonte: Ivo (2018, p. 30-31).

Além das ilustrações semelhantes aos quadrinhos, o texto verbal também faz alusão a esse gênero, ressaltando a proximidade do protagonista com essas leituras, ao citar heróis como o Super-Homem e o Batman, e o detetive Dick Tracy, como podemos observar em alguns trechos no quadro a seguir, posteriormente comentados:

Quadro 1 - Referências às HQs.

PASSAGENS REFERENTES ÀS HQS
Querendo deixar minha consciência em paz, peguei um gibi e embarquei. Ainda hoje sou um grande entusiasta dos quadrinhos e, naquela época, ostentava uma respeitável coleção. Boa parte do meu caráter e senso de moral moldei com os gibis americanos [...] (Ivo, 2018, p. 15, grifo nosso).
Me senti o Dick Tracy vendo o rosto de Eder na telinha do aparelho (Ivo, 2018, p. 126, grifo nosso).
— Não vou ficar voando pela cidade. — O Super-Homem voa. O Batman faz patrulha... (Ivo, 2018, p. 127, grifo nosso).
— A gente cresceu lendo gibis , cara. Estamos confundindo as coisas. Não vai surgir um vilão querendo destruir a cidade (Ivo, 2018, p. 140, grifo nosso).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Na primeira passagem, a personagem Caliel busca nos quadrinhos um alívio temporário para esquecer a situação difícil em que se encontra: semelhante aos super-heróis desses mesmos quadrinhos, ele agora é um ser que descobriu ter poderes sobre-humanos. A semelhança da obra com as HQs é justificada a partir do próprio gosto pessoal da personagem principal, que recorre aos gibis americanos em seu tempo livre.

Na segunda citação, tem-se a referência ao detetive Dick Tracy, criado pelo norte-americano Chester Gould, em 1931. Essa personagem ficou conhecida por utilizar técnicas e equipamentos avançados para combater o crime. Assim como o detetive Tracy, a personagem Eder, amigo de Caliel, não possui poderes, mas é inteligente e sabe utilizar a tecnologia a seu favor.

Na terceira passagem, são citados dois grandes super-heróis, o Super-Homem e o Batman, ambos da *DC Comics*. O Super-Homem, criado por Joe Shuster e Jerry Siegel, na década de 1930, é um alienígena enviado para o planeta Terra para salvar-se da destruição de seu planeta natal. Para que não descubram a sua identidade, ele se disfarça de Clark Kent. Já o Batman, criado por Bob Kane e Bill Finger, apareceu pela primeira vez em 1939 e é um homem comum que busca combater o crime de sua cidade. Para isso, recorre a equipamentos de alta tecnologia que o tornam forte, transformando-se em um vigilante noturno poderoso.

Essas personagens são referência para Caliel, que possui poderes e os utiliza durante a noite. A história deles influencia seus pensamentos, como nota-se na quarta citação, em que Caliel busca se distanciar do enredo dos gibis, reafirmando que não surgirá nenhum vilão nessa história, diferentemente do que acontece com as histórias do Super-Homem e do Batman, que enfrentam vilões como o Lex Luthor e o Coringa, respectivamente.

Uma curiosidade é que esse romance impulsionou a continuação da história em quadrinhos, publicada em 2020 pela Editora Guará. Todavia, a edição da HQ é de difícil acesso, logo são poucas as informações encontradas.

Retomando o enredo, os conflitos que Caliel enfrenta em todas as esferas da sua vida são relatados por ele através de uma narrativa em primeira pessoa. Num momento inicial, há um desabafo sobre sua crise por causa das expectativas criadas para um jovem de sua idade, como no trecho “Havia um quê de solidão na minha vida.

Não sei se era um pré-requisito daqueles tempos, ou se todo mundo se sente assim aos vinte e cinco anos, mas ser solitário era uma coisa que eu gostava” (Ivo, 2018, p. 13).

O romance apresenta um personagem que não possui respostas para tudo. Diferente dos super-heróis tradicionais, cujo foco é salvar o mundo, esse cidadão incomum precisa aprender a lidar com as consequências de suas ações. Pedro Ivo nos apresenta os bastidores da vida de um “herói”, como no capítulo “Como nasce a culpa”, em que, por causa de seu ato, Caliel torna-se responsável pela morte de um cidadão comum, o João de Pádua. Toda essa situação fica mais marcante e intensa graças às ilustrações que introduzem o capítulo (Fig. 3), que destacam a destruição de um carro, cenário esse que pode ser comparado à realidade dos acidentes de trânsito.

Fig. 4 - Caliel aterrissa e provoca um acidente.



Fonte: Ivo (2018, p. 46-47).

Em outra passagem, entra em questão sua relação amorosa com Lúcia e a constatação da impossibilidade de existir um relacionamento estável entre eles:

Queria tê-la de volta, partilhar todas as coisas, deixar a paixão me tirar do eixo como antigamente. Mas a quem eu estava enganando? A vida não é como nas histórias em quadrinhos onde a mocinha se derrete pelo super-herói colorido. Não mesmo (Ivo, 2018, p. 185).

A narrativa é ambientada predominantemente na cidade de São Paulo, como é explicitado no próprio texto, realizando constantes contextualizações ao citar o

aeroporto de Congonhas, a região do Paraíso, o Cemitério da Consolação, entre outros. Apenas no capítulo “Luzes no céu de Minas Gerais” é que a narrativa foca em um espaço rural, no caso um sítio de Minas Gerais.

A relação dessa obra de literatura juvenil com o romance de ficção científica torna-se evidente no decorrer da leitura, com a presença de seres com superpoderes, como Caliel e, mais à frente, da personagem Klaus, que também é um ser que possui poderes sobre-humanos; todavia, diferente de Caliel, aquele não está confuso sobre a sua existência. Caliel procura uma explicação dos seus poderes a partir de um pensamento racional e, permanecendo sem resposta, busca usar seus dons para diminuir a criminalidade, enfatizando que é diferente das personagens das histórias em quadrinhos, como podemos ler no trecho a seguir.

Tentei imaginar todas as implicações que meu dom de voar poderia ter sobre a vida dos outros. Eu era, no mínimo, um mistério da ciência. Quem sabe um novo tipo de ser humano? Talvez houvesse mais gente como eu. Uma coisa era certa: eu não era um personagem de quadrinhos. Eu sou real. (IVO, 2018, p. 33).

Valendo-nos dos arquétipos elaborados por Piassi (2007 *apud* Fiker, 1985, p. 46-70), podemos constatar que a presença de poderes extrassensoriais é marcante nessa narrativa, assim como a importância do uso da tecnologia. Todavia, mais do que apresentar uma personagem que possui poderes e os usa para combater o crime, *O cidadão incomum* traz também uma crítica social a uma sociedade marcada pela violência do mundo real.

Pino (2007) discute como a violência tornou-se uma das principais preocupações na sociedade contemporânea, tema que é debatido não só na imprensa nacional como também na literatura. Souza (2016) destaca que, por volta da década de 1960, Rubem Fonseca é o pioneiro da vertente do “brutalismo” na literatura brasileira, com a antologia de contos *Os prisioneiros* (1963), em que expõe a violência social.

Ainda segundo Souza (2016, p. 20) “a violência se apresenta com novas formas na atualidade, pois o que há algum tempo atrás não era percebido como sendo violência, hoje, já pode ser desmistificado como tal”. Por isso, é possível inferir que esse movimento também ocorre na literatura, visto que a literatura “pode estar a serviço do desmascaramento das violências” (Souza, 2016, p. 42).

Bonamigo (2008) enfatiza que não há apenas um tipo de violência, elas ocorrem de diferentes formas. A autora traz dados referentes ao Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz (CIIP) que categoriza cinco tipos básicos de violências, sendo elas: violência coletiva; violência institucional; violência estrutural; violência cultural; e violência individual. Em *O cidadão incomum*, tem-se o retrato de algumas dessas violências, como observado no trecho a seguir:

Era uma época estranha. Revoluções no mundo árabe abriram portas para uma enxurrada de manifestações, que passaram a acontecer em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Toda semana, milhares de pessoas fechavam as principais ruas e avenidas da cidade para manifestar suas insatisfações com o sistema. O preço do transporte público havia praticamente dobrado em cinco anos. Homossexuais eram frequentemente atacados por grupos homofóbicos. Os acidentes de trânsito batiam recordes, mesmo em baixa temporada. Aumentavam cada vez mais as ocorrências de abuso policial. Faculdades públicas paradas. Grupos de *hackers* que pretendiam causar um colapso no sistema financeiro mundial invadiam os sites de grandes corporações. E, para quem queria se manifestar ou mobilizar as massas, revelando conspirações e instigando cada vez mais a indignação pública que, por sua vez, era disseminada pelas redes sociais (Ivo, 2018, p. 137).

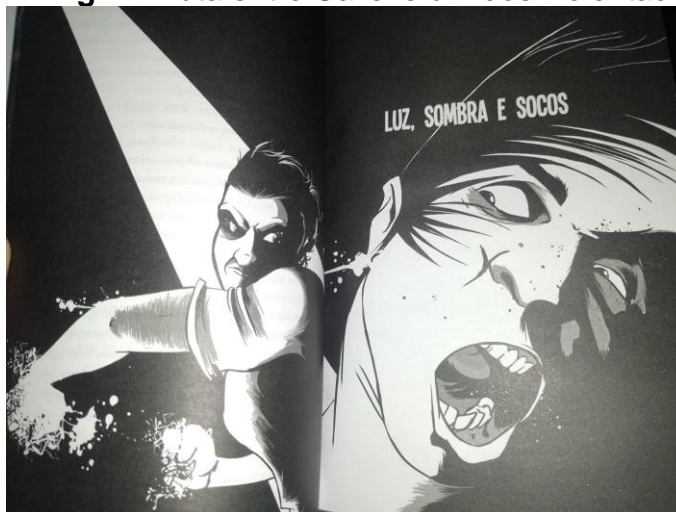
Nota-se como esse trecho condensa as diversas situações em que os brasileiros estão expostos, através de um movimento transitório entre o ficcional e o real.

Em um momento anterior, Caliel enfrenta um caso de violência sexual, como podemos observar a partir do seguinte trecho “Dois homens, uma mulher, gritos abafados, praça escura” (Ivo, 2018, p. 87), em que a narração já traz uma tensão que é acentuada pela ilustração que introduz o capítulo intitulado “Luz, sombra e socos” (Fig. 4). Mais à frente, o relato da violência continua: “Sinceramente, o que vi... Bom, já imaginava que se tratava de uma tentativa de roubo, mas não imaginei que pudesse ser uma garota. Acho que foi a cena mais pavorosa que vi em toda a minha vida até hoje” (Ivo, 2018, p. 90).

Nesse trecho, o autor traz à tona a discussão sobre a violência que é o estupro dentro de um texto literário juvenil, tema que também foi abordado por Lygia Bojunga na obra *O abraço*, de 1995, em que a personagem Cristina revive momentos traumáticos. Em *O cidadão incomum*, Caliel defende essa personagem não nomeada que sofre bem mais do que apenas “uma tentativa de roubo”, demonstrando sua indignação com tal situação. Em outra situação, dada pelo texto visual (Fig. 4), a partir

dos traços, é possível perceber toda a revolta e a indignação expressas na face de Caliel, que fere o homem com um soco de tamanha força que desloca seu maxilar. O texto visual dialoga com o texto verbal na medida em que traz a oposição preto e branco, luz e sombra.

Fig. 4 - Luta entre Caliel e um dos violentadores.



Fonte: Ivo (2018, p. 78-79).

Nesse romance, Caliel não enfrenta um vilão como o Batman, que luta contra o Coringa, mas sim um grupo de empresários que buscam administrar toda a sociedade - esse grupo é o seu antagonista na trama. A personagem fica dividida sobre o que fazer com tal poder, ciente de que não pode deixar-se dominar por pessoas que buscam controlar tudo, como é o caso do grupo em questão.

Diferente de outros romances de ficção científica que trazem vilões detentores ou de poderes sobre-humanos ou de alta tecnologia, esse romance traz um grupo que a partir do dinheiro consegue manipular as coisas em seu entorno. É o caso da personagem Silvio Santana, que é empresário, e Rogério Lagoas, presidente de uma grande emissora de TV. Eles têm ciência do que são capazes, como é dito pelo próprio Silvio em conversa com Caliel: “Temos poder para colocar você no centro de uma guerra. Uma guerra em que, não importa quem é vencedor, só você vai perder” (Ivo, 2018, p. 215). Essa passagem vai ao encontro do que é discutido por Souza (2016) a respeito da violência presente nos discursos dos setores dominantes da sociedade.

Nesse embate, Caliel não possui os estereótipos esperados de um herói, mas age como um ao buscar enfrentar o mal, esse mal é o sistema. Dessa forma, voltamos

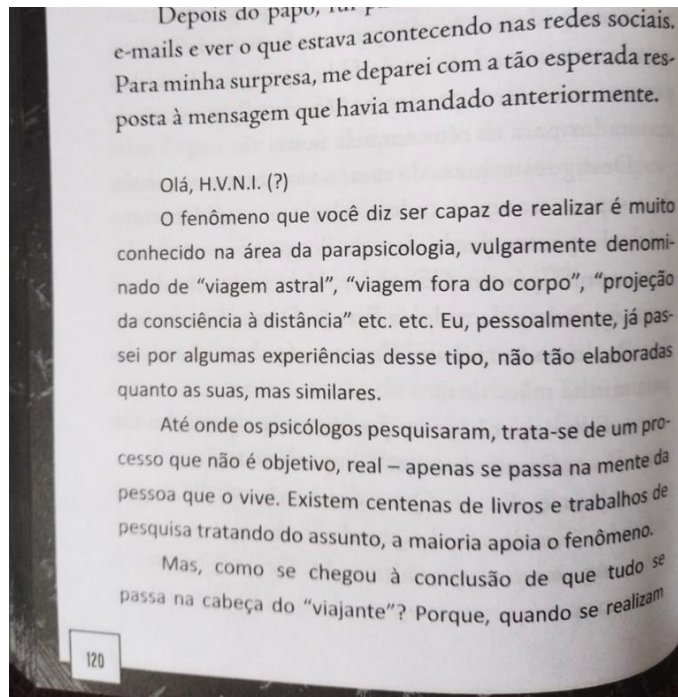
a reiterar como essa narrativa traz uma crítica social. O “herói”, um cidadão incomum, percebe esse sistema, constata isso, como está exposto no trecho abaixo:

Pela primeira vez na vida senti vontade de lutar. Não contra eles, marionetes iludidas por sistemas antigos, mas a favor de suas vítimas, seus consumidores. Essa era a diferença entre os heróis da ficção e aquilo em que eu me transformava naquele momento. O mal dos homens é despertado pelas necessidades básicas não supridas. O medo é o que afasta o esclarecimento. Eu não podia lutar pela verdade, nem pela justiça, porque ninguém sabe direito o que são essas coisas. *Mas eu podia ajudar a erradicar o medo* (Ivo, 2018, p. 218, grifo nosso).

A personagem busca erradicar o medo que é compartilhado pelos indivíduos que habitam os grandes centros urbanos e estão expostos aos diversos tipos de violência e que, devido a isso, são manipulados através dos “dispositivos de segurança, empregados para ‘combater’ as violências, e as estratégias de controle, que estão se delineando na contemporaneidade [...]” que “podem mascarar práticas e discursos de exploração do sentimento de insegurança e medo” (Bonamigo, 2008, p. 210).

Numa busca por respostas, o protagonista envia um *e-mail* anônimo (p. 83 e 84) solicitando ajuda e procurando saber se existem pessoas semelhantes a ele. A estrutura do *e-mail*, mais precisamente sua fonte escrita, é diferenciada do resto do texto, como podemos notar na Fig. 5, que é a resposta que Caliel recebe.

Fig. 5 - E-mail recebido pelo Caliel



Fonte: Ivo (2018, p. 120).

Dessa forma, há um hibridismo em relação à presença de outro gênero. O *e-mail* está contido dentro do romance, destacando a contemporaneidade da obra ao apresentar uma nova tendência para a estruturação do romance. Isso vai ao encontro do que Souza (2015) constata, ao enfatizar que:

O emprego da imagem como técnica narrativa e a apropriação das características dos meios de comunicação de massa correspondem à mudança nas formas de percepção do indivíduo contemporâneo, mas é também uma tentativa de atingir de forma mais incisiva o leitor imerso em um mundo sobrecarregado de imagens, competindo com o código estético dos meios de comunicação de massa. Além disso, o diálogo com meios semióticos distintos fornece ao escritor uma abundância de recursos propícios à experimentação e modos alternativos de narrar (Souza, 2015, p. 67).

Essas construções são elaboradas visando a um leitor em formação, por isso, as narrativas em geral se apresentam de forma mais linear, com um vocabulário mais simples, embora isso não signifique que a qualidade literária será afetada (Souza, 2015). O texto verbal e o texto visual encontram-se para construir os múltiplos sentidos da narrativa e dar ênfase à visão de um jovem adulto sobre a sociedade contemporânea que busca enfrentar os desafios de um mundo marcado por violências, em que a única forma de sobreviver a isso seria através de superpoderes.

Considerações finais

Com isso, notamos como *O cidadão incomum* (2013) está inserido no contexto de novas publicações de romances de ficção científica, também inovando ao trazer uma figura de super-herói nacional atrelado à contemporaneidade. A obra também apresenta uma personagem que enfrenta dificuldades em sua transição da vida jovem para a adulta.

É um romance que traz com muita maestria as relações de poder e a violência na sociedade brasileira contemporânea partindo da figura do herói, que já não é mais um herói nacional sem falhas, mas sim um cidadão que está inserido num contexto adverso. Ele, assim como os cidadãos brasileiros, precisa escolher entre permanecer alheio aos problemas sociais ou enfrentá-los.

Trata-se de uma obra que ainda apresenta uma hibridização tanto em relação ao gênero romance em si e suas classificações ou subgêneros, quanto a do gênero de comunicação escrita *e-mail*, que está inserido dentro do romance. Tal processo acaba por contribuir para a formação do leitor ao apresentar um texto verbal que possui complexidade narrativa e um texto visual que amplia o campo dos sentidos.

Referências

BONAMIGO, Irme. Salete. Violências e contemporaneidade. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 204-213, jul/dez. 2008.

BOJUNGA, Lygia. *O abraço*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *PNLD*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld#:~:text=O%20Programa%20Nacional%20do%20Livro,redes%20federal%2C%20estaduais%2C%20municipais%20e>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. *Uma estética da formação: Vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp/Assis. Assis, SP, 2000.

CECCANTINI, João Luís. Conflito de gerações, conflito de culturas: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 80-85, jul./set. 2010.

DUTRA, Daniel Iturvides. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. *Letrônica*, v. 2, n. 2, p. 222-232, dez. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, Rubem. *Os prisioneiros*. 1ª ed. Rio de Janeiro: GRD, 1963.

IGUMA, Andréia de Oliveira Alencar; GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Literatura juvenil brasileira e intertextualidade: O jovem e seus encontros com leituras outras. *Caderno Seminal Digital*, v. 34, n. 34. jan/jun, 2020.

IVO, Pedro. *O cidadão incomum*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2018.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. *Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2010.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea. *Anais do SILEL*. EDUFU. v. 2, n. 2, p. 1-9. Uberlândia: 2011.

PIASSI, Luis Paulo de Carvalho. *Contatos: A ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural*. Tese de Doutorado apresentação Universidade de São Paulo. 462 p. São Paulo, 2007.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. *Educação e Sociedade*, Campinas, SP, v. 28, p. 763-785, out. 2007.

REIS, Ana Cecília de Alencar et al. Ficção científica, criação teatral e a primeira infância: percurso adaptativo do conto Sonhos de Rob. *In: CUNHA, Maria Zilda da.* (coordenação). *Ficção científica: literatura da transgressão e do estranhamento*. Literartes, n. 17. 2022.

ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: Do preconceito à conquista das massas*. Trad. Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

SOARES, Marcelo. *Uaréview: Cidadão Incomum #01*. Uaréva. 2020. Disponível em: <<https://uareva.com/2020/08/uareview-cidadao-incomum-01.html>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SOUZA, Elaine Leonarczyk. *A(s) violência(s) na literatura infantojuvenil brasileira: uma análise a partir do PNBE 2013*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá - UEM. Maringá, PR, 2016.

SOUZA, Raquel Cristina. *A ficção juvenil brasileira em busca da identidade: a*



formação do campo e do leitor. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

SSÓ, Ernani. Nós somos os marcianos. *In*: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.